



opinião

Pita Ameixa: “Manuel Alegre impôs-se como candidato a apoiar pelo PS depois de já ter congregado o BE. A sua missão, no plano eleitoral, consiste em conseguir segurar todos os votantes tradicionais do PS e acrescentar outro eleitorado suficiente para chegar à segunda volta. Aparece como única alternativa viável à recondução do actual Presidente. Ou um, ou outro!”



Maria da Graça Carvalho: “Timor Leste ainda se encontra na lista dos países com baixo desenvolvimento humano. A sua população é pobre e as instituições do país são muito jovens e frágeis. Mas nos últimos três anos a paz instalou-se e a economia conheceu um dinamismo promissor. Timor Leste é hoje um país sem dívida externa que cresce acima dos 12% ao ano. A pobreza recuou 9% nos últimos dois anos”.

Os presidenciais

Já está marcada, para o próximo dia 23 de Janeiro, a eleição do Presidente da República.

Vamos lá olhar para os candidatos que se perspectivam a essa eleição, numa análise obviamente subjectiva, subindo a escala das sondagens do momento.

1. Defensor Moura é deputado do Partido Socialista, ex-presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo e candidata-se sem apoio partidário para, diz ele, contribuir para combater o candidato da direita.

Julgo que se trata de uma façanha pessoal, por parte de alguém que se sente em fim de carreira política, e que deve ter decidido encerrá-la com esta chave de ouro que oferece à sua própria história e à família.

Se sempre for a votos não deve alargar muito eleitorado para além da sua bela cidade minhota que, aliás, ele muito ajudou a qualificar.

2. Francisco Lopes, ao contrário do que estipula a Constituição, aparece como candidato partidário, neste caso do PCP.

Já participei num debate com ele. É uma pessoa rígida, da ortodoxia mais aparelhística, nascido e criado no corpo de funcionários partidários, e a sua escolha decorre essencialmente de razões internas do partido.

Esteve à beirinha de ser secretário-geral, quando foi escolhido Jerónimo Sousa, e agora manifestou-se o peso compensatório dos seus apoios internos.

A candidatura deve apenas valer para fazer campanha partidária e ganhar visibilidade como sucessor presuntivo do secretário-geral.

Mas há um facto curioso. O partido e o candidato assumem a sua cruzada até às urnas e rejeitam categoricamente qualquer visão de conjugação ou compromisso com outras forças, nomeadamente da esquerda, estipulando como tarefa essencial passar ele à segunda volta (“Público”, 9/10).

Mas um dirigente local, José Soeiro, apareceu com um discurso dissonante.

Não sei se por consciente contestação da estratégia ou se por estar zangado, por ter sido substituído como deputado (sem justa causa, aparentemente), num seu recente artigo neste jornal (24/9), em que ignora olímpicamente a candidatura e o nome de Francisco Lopes,

veio afirmar que o quadro eleitoral (cit.) “coloca como tarefa essencial a não reeleição de Cavaco Silva e um claro e inequívoco compromisso dos candidatos à sua esquerda.”

Soeiro deu a esse artigo, por acaso (?), o título: “Em política não há acasos”...

3. Fernando Nobre nasce politicamente da visibilidade e prestígio que granjeou como presidente da Assistência Médica Internacional.

Politicamente parece pouco consistente, apresentando-se, conservadoramente, como monárquico; contudo, também foi já mandatário do Bloco de Esquerda, mas também já apoiou candidatos de direita.

Não admira, assim, que exiba um discurso frouxo, pouco esclarecido sobre a função política a que se candidata, e sem uma orientação bem definida.

Se fosse eleito seria, julgo, um Presidente incompetente na função, e uma incógnita permanente neste cargo onde mais se neces-

sita de estabilidade, certeza e confiança.

4. Manuel Alegre impôs-se como candidato a apoiar pelo PS depois de já ter congregado o BE.

A sua missão, no plano eleitoral, consiste em conseguir segurar todos os votantes tradicionais do PS e acrescentar outro eleitorado su-

ficiente para chegar à segunda volta.

Aparece como única alternativa viável à recondução do actual Presidente. Ou um, ou outro!

Julgo que Manuel Alegre tem experiência política adequada para o exercício da função, afirma com muita força genuína a portugalidade pela cultura, e transporta em si valores políticos altamente nobres do progressismo, da democracia e do 25 de Abril.

Contribuí pessoalmente para a decisão do PS o apoiar.

5. Cavaco Silva é o Presidente que está, e isso dá-lhe uma posição de partida aparentemente vantajosa, como aparece nas sondagens.

Contudo, nunca um Presidente em funções partiu tão fraco para uma recandidatura.

Teve momentos maus durante o mandato e incompatibilizou-se com sectores dos seus apoiantes, tanto assim que tem havido movimentos para ser apresentado um outro candidato na sua área política.

Gere a mecânica do sistema político constitucional, mas é, com clareza, o candidato da direita, comportando valores essencialmente conservadores, e uma visão da sociedade e da evolução desta muito resistente à moderna racionalidade da igualdade.

Aguarda-se que diga que se recandidata, o que ainda não fez. ▀

Timor Leste – oito anos de independência

Os trabalhos de preparação para a vinda do presidente Ramos-Horta ao Parlamento Europeu, a fim de expor a sua visão sobre o papel de Timor Leste como charneira entre o Sudoeste Asiático, o Pacífico e a Europa,

teve a virtude de me levar até Timor Leste durante o mês de Agosto.

Foi com satisfação que pude observar os progressos realizados por um país que, poucos anos atrás, alguns duvidavam que sobrevivesse politicamente e muitos não acreditavam que pudesse vir a ser economicamente viável.

Ao invés, como pude constatar, após a conquista da independência em 2002, os timorenses deixaram definitivamente para trás o passado de cinzas e violência, lançaram-se na reconstrução do país, fundaram um estado democrático, reconciliaram-se e normalizaram as relações com antigos adversários regionais. Como disse Ramos-Horta, “a Indonésia, como é índole de uma grande sociedade, estendeu-nos a mão da amizade e decidiu ajudar-nos de muitas formas, entre as quais se incluem as medidas para manter a segurança e a estabilidade da nossa fronteira comum”. Em breve, dando continuidade a este gesto notável, a Indonésia patrocinará a entrada de Timor Leste na Associação das Nações do Sudoeste Asiático.

Timor Leste ainda se encontra na lista dos países com baixo desenvolvimento humano. A sua população é pobre e as instituições do país são muito jovens e frágeis. Mas nos últimos três anos a paz instalou-se e a economia conheceu um dinamismo promissor. Timor Leste é hoje um país sem dívida externa que cresce acima dos 12%

ao ano. A pobreza recuou 9% nos últimos dois anos. A taxa de mortalidade infantil e de mortalidade das crianças com menos de cinco anos baixou significativamente e já alcançou as metas das Nações Unidas para 2015. A frequência escolar aumentou para 83% este ano e o Governo estima que o analfabetismo seja completamente eliminado nos próximos dois a três anos.

O Governo encontra-se a finalizar o Plano de Desenvolvimento Estratégico para 2011-2030 que aspira a elevar o país à categoria de país com desenvolvimento humano médio-alto. O objectivo é proporcionar a toda a população um nível de vida digno e assegurar um crescimento económico sustentado.

Para um país com as dimensões e a curta história de Timor Leste é magnífica a posição que o país ocupa na escala internacional de excelência e transparência na gestão dos seus recursos petrolíferos. Esta

classificação internacional atribui a Timor Leste o primeiro lugar entre todos os países asiáticos produtores de petróleo e o terceiro lugar a nível mundial.

Também no que toca ao respeito pelos direitos humanos e pelas mulheres, Timor Leste tende a ser um país exemplar. O país ratificou os principais tratados internacionais sobre direitos humanos e as mulheres ocupam cerca de 30% dos lugares do Parlamento Nacional.

Não posso deixar de referir que

Timor Leste tem uma constituição profundamente humanista, que proíbe a pena de morte e impõe o limite máximo de 25 anos para as penas de prisão. O espírito humanista e de reconciliação foi crucial para consolidar a pacificação da sociedade. O presidente Ramos-Horta selou este assunto promulgando o perdão de ex-militares e ex-polícias, que se haviam envolvido em actos violentos, incluindo o perdão daqueles que haviam sido condenados pelos tribunais por terem atentado contra a sua vida.

É impensável um país alcançar estes resultados sem ter grandes líderes nas posições de maior responsabilidade. O povo de Timor Leste teve a clarividência de os eleger para chefiar o Governo e para a Presidência da República, nas pessoas de Xanana Gusmão e Ramos-Horta. ▀

Cavaco Silva é o Presidente que está, e isso dá-lhe uma posição de partida aparentemente vantajosa, como aparece nas sondagens.

Timor Leste tem uma constituição profundamente humanista, que proíbe a pena de morte e impõe o limite máximo de 25 anos para as penas de prisão. O espírito humanista e de reconciliação foi crucial para consolidar a pacificação da sociedade. O presidente Ramos-Horta selou este assunto promulgando o perdão de ex-militares e ex-polícias, que se haviam envolvido em actos violentos.